

# Perspectivas do consumo sustentável: uma análise da relação entre práticas domésticas cotidianas e sustentabilidade

## *Perspectives on sustainable consumption: analysis of the relationship between domestic daily practices and sustainability*

Renan Strassburger Kuwer<sup>a</sup>

Marcelo Jacques Fonseca<sup>b</sup>

**RESUMO:** A partir da análise das práticas diárias com as quais as pessoas mais se engajam de forma rotineira, este estudo busca compreender quando e onde acontece o consumo sustentável e quais são seus motivadores e inibidores. Seguindo a abordagem interpretativa e combinando diferentes técnicas qualitativas junto a famílias da classe C da região metropolitana de Porto Alegre, esta pesquisa aponta que (a) as pessoas não associam suas atividades diárias com impacto ambiental, (b) o consumo sustentável está relacionado com perdas de bem-estar e (c) que as motivações encontradas para a sustentabilidade estão vinculadas ao benefício próprio

**Palavras-chave:** Consumo Sustentável. Sustentabilidade. Cultura de Consumo. Práticas de Consumo.

**ABSTRACT:** Based on the analysis of the daily practices people engage in routinely, this study aims at understanding where and when sustainable consumption occurs, as well as its motivations and inhibitors. Following an interpretive approach, combining different qualitative methods with middle and lower classes in the Metropolitan Region of Porto Alegre, this research shows that (a) people don't relate their daily practices to environmental impact, (b) sustainable consumption is usually related to losses of well-being and (c) the motivations towards sustainability are linked to self-benefits.

**Keywords:** Sustainable Consumption. Sustainability. Consumer Culture. Consumption Practices.

## 1 Introdução

A rotina desempenha funções específicas em uma sociedade e pode ser considerada uma forma de reduzir a complexidade e energia gasta em um processo de decisão. Essa compreensão auxilia a entender por que é difícil nos livrarmos de nossos hábitos rotineiros, mesmo quando eles exercem restrições nas opções disponíveis e nos confinam a um determinado conjunto de padrões de comportamento. A rotina pode ainda ser vista como um modo de criar um mundo seguro e habitável, transformando o nosso comportamento em algo previsível e mais confiável no dia-a-dia (ILMONEN, 2001).

No século XVIII, Hume (1972) já afirmava: “o hábito é o grande guia da vida humana”. O filósofo propõe que, ao observarmos um padrão constante, deduzimos que ele vai continuar no futuro, assumindo tacitamente que a natureza prosseguirá se comportando de maneira uniforme. De acordo com Hume, os fundamentos para nossa crença de que o sol nascerá amanhã ou de que a água, e não frutas, fluirá da torneira não são lógicos. São simplesmente o resultado do condicionamento, que nos ensina que amanhã o mundo será o mesmo que é hoje.

Nesse andamento, visualizando nossa conduta atual, é possível considerar que ainda permanece o condicionamento, mesmo que

<sup>a</sup> Graduado em Administração – Gestão para Inovação e Liderança, UNISINOS. Escola de Gestão e Negócios, UNISINOS. <[renan.strassburger@gmail.com](mailto:renan.strassburger@gmail.com)>.

<sup>b</sup> Doutor em Administração, Escola de Gestão e Negócios – UNISINOS. <[mfonseca@unisinis.br](mailto:mfonseca@unisinis.br)>.



inconsciente, de que os recursos naturais do planeta continuarão a existir para sempre, independente de nosso comportamento. Com base nesse raciocínio, assume-se que continuamente haverá o acesso à água potável, as florestas continuarão com sua diversidade de flora e fauna e o ar que se respira seguirá limpo, pois esses elementos sempre estiveram presentes em nosso passado.

Todavia, já é de senso comum o fato de vivermos em uma conjuntura de recursos naturais finitos, a qual é diretamente influenciada por nossas condutas e práticas de consumo. As necessidades básicas de alimentação, transporte e moradia estão diretamente relacionadas aos problemas ambientais atuais, representando aproximadamente metade do impacto ambiental de um país (SEPPÄLÄ et al., 2011). O sistema de consumo contemporâneo não é sustentável, visto o impacto que exerce sobre os recursos naturais e a biodiversidade: ameaça de aquecimento global, alta carga de substâncias tóxicas nos produtos, exploração de recursos não renováveis e poluição das águas (MICKWITZ et al., 2011).

Para encarar esses desafios, os serviços básicos (alimentação, transporte, energia elétrica, comunicação, entre outros) necessitam passar por mudanças significativas de concepção (SMITH et al., 2010), sendo que essas alterações podem ocorrer a partir da análise das práticas e padrões de consumo atuais. Portanto, na atualidade, torna-se imperativo que se discutam as práticas cotidianas da população, descrevendo suas características e, em especial, analisando seus eventuais sentidos e significados.

É nesse contexto que se enquadra o estudo aqui apresentado. A partir da análise das práticas diárias com as quais as pessoas mais se engajam de forma rotineira (alimentação, limpeza e higiene, e descarte de lixo), este estudo busca compreender quando e onde acontece o consumo sustentável e quais são os motivadores e inibidores desse tipo de comportamento. Tal objetivo fundamenta-se na reconhecida necessidade de se gerar reflexões sobre o tema, visto que as práticas domésticas são corriqueiras e, conseqüentemente, demandam pouca reflexão por parte dos indivíduos.

Ao fazer um diagnóstico das atuais práticas cotidianas, este estudo contribui com um conjunto de conhecimentos úteis à identificação

de como é possível agir para transformar os comportamentos de alto impacto em condutas de baixo impacto ambiental. Ao mesmo tempo, detectam-se alguns dos sentidos atrelados às práticas habituais, que podem servir de parâmetro para identificar e direcionar ações de aperfeiçoamento nos produtos e serviços ofertados aos consumidores nos próximos anos.

## 2 Referencial teórico

O objetivo deste referencial teórico é estabelecer as principais definições conceituais necessárias à pesquisa e, conseqüentemente, ao entendimento dos resultados nela encontrados. Ainda, busca-se esclarecer as conexões entre os três principais temas desse artigo: (a) significado cultural do consumo; (b) práticas cotidianas de consumo; e (c) consumo sustentável.

### 2.1 Significado cultural do consumo

Os bens para os quais o consumidor despense tempo, atenção e renda, assim como todo o sistema de *design* e produção que os concebe, são carregados de significado cultural. Os consumidores utilizam tais significados para expressar categorias e princípios, cultivar ideias, criar e sustentar estilos de vida, construir noções de si e desenvolver mudanças sociais (MCCRACKEN, 2003). A recíproca é verdadeira; a cultura é profundamente ligada ao e depende do consumo. Sem os bens de consumo, as sociedades modernas perderiam instrumentos-chave para a reprodução, representação e manipulação de suas culturas.

Também é possível abordar o consumo quando os objetos tornam-se signos e passam a formar um sistema coerente entre si, ou seja, um sistema que adquire sentido a partir da relação abstrata de todos os objetos-signo que o constituem (BAUDRILLARD, 1968 apud ROCHA et al., 1999). Essa mudança de objeto para signo implica uma modificação simultânea da relação humana, que se torna uma relação de consumo. Os objetos, nesse momento, passam a atuar como mediadores obrigatórios das relações entre indivíduos. Assim, o consumido não é o objeto e sim a própria relação, e, portanto, o ato de consumir vai muito além de uma simples relação com objetos, ele é uma maneira de se relacionar com a coletividade, através da manipulação sistemática dos signos (ROCHA et al., 1999).

Ademais, o consumo pode ser considerado um processo de diferenciação social, que ocorre através da manipulação dos objetos e de sua transformação em signos em uma linguagem que distingue o indivíduo, quer filiando-o no próprio grupo tomado como referência ideal, quer demarcando-o do respectivo grupo por referência a um grupo de estatuto superior (BAUDRILLARD, 1991 apud ROCHA et al., 1999). Neste contexto, o consumo pode ser entendido a partir de dois eixos básicos: (a) como processo de significação e de comunicação e (b) como elemento de classificação e diferenciação social.

No mesmo sentido, a posse material de bens é necessária para tornar a cultura visível, para que os indivíduos se expressem através deles, utilizando os significados sociais que eles carregam (DOUGLAS e ISHERWOOD, 2004). O consumo pode ser compreendido como uma forma de comunicação, sendo os bens os mediadores desse processo interativo. Verifica-se que os significados, segundo os autores, são definidos socialmente por rituais, sendo que os mais eficazes na construção de significados são os que utilizam objetos materiais. Compreende-se que, sob essa perspectiva, os bens são acessórios do ritual, enquanto o consumo é o próprio ritual, cuja função primária é dar sentido aos eventos cotidianos e criar um universo inteligível a partir das coisas consumidas (ROCHA et al., 1999).

## 2.2 Práticas cotidianas de consumo

Entendendo-se, então, que os bens e serviços são consumidos principalmente por aquilo que significam, e não somente por aquilo que desempenham, é possível realizar uma conexão com as práticas que os indivíduos realizam em seu cotidiano. Verifica-se que o significado simbólico reside não somente no produto, mas é refletido em todas as atividades envolvidas no consumo desse bem, que não necessariamente se enquadra dentro de rotinas estabelecidas por uma sociedade (LEVY, 1959).

As ações que requerem pouca reflexão, que transmitem poucas mensagens sociais, que não possuem um papel na diferenciação entre indivíduos e que não excitam paixão ou emoção (GRONOW e WARDE, 2001) são tradicionalmente menos analisadas na pesquisa do consumidor. Atividades como preparação e consumo de alimentos, hábitos de higiene pessoal, organização do interior de ambientes,

transporte e uso de água e energia elétrica parecem requerer outros conceitos para entender sua aplicação social. Para tais atividades, utiliza-se o termo “*ordinary consumption*”, ou “consumo cotidiano”, que aborda as atividades e itens que não são altamente percebidos ou visíveis de nenhuma maneira especial e que constantemente possuem uma relação subsidiária com outra atividade principal ou mais consciente (GRONOW e WARDE, 2001). As práticas de consumo de itens dessa natureza implicam rotinas e decisões muitas vezes inconscientes (WALLENDORF e ARNOULD, 1991).

Os indivíduos nem sempre têm sucesso em suas tentativas de implementar suas decisões (CAMPBELL, 1996). Falhas acontecem devido às oposições de outras pessoas ou obstáculos, mas também pelo fato de eles simplesmente não conseguirem implementar suas vontades e, então, agir. Cambell separa os conceitos de ação e não-ação, sendo a primeira relacionada com o “querer” e sua implementação prática, enquanto a segunda, em contraste, está conectada com as reações involuntárias. Elas são repetitivas e seguem princípios que não são conhecidos pelo indivíduo, nem pela sociedade, uma conduta chamada “comportamento” (ILMONEN, 2001).

A rotina desempenha diversas funções em uma sociedade, podendo ser considerada: (a) uma forma de reduzir a complexidade e energia gasta no processo de decisão; (b) um modo de criar um mundo seguro e habitável, além de uma percepção de normalidade; (c) uma maneira de transformar o comportamento em algo previsível e, nesse sentido, mais confiável (ILMONEN, 2011). Essa compreensão auxilia a entender por que é difícil nos livrarmos da rotina, mesmo quando ela exerce restrições nas opções disponíveis e nos confina a um determinado conjunto de padrões de comportamento. Quando os indivíduos se habitam com tais formas, as rotinas desempenham um papel fundamental em seu *self* ou “personagem” (CAMIC, 1986), sendo que o grau de dificuldade em alterar essas rotinas, ou então criar novas, é significativamente alto. Os indivíduos estão, de alguma forma, aprisionados pelas rotinas que aprenderam durante suas vidas (ILMONEN, 2011).

Muitos argumentos foram levantados a respeito da relação entre a rotina e o consumo; Ilmonen (2001) lista quatro causas principais, todas relacionadas à insegurança dos consu-

midores. A primeira é que a média de conhecimento dos consumidores em relação à origem, composição de materiais e funcionalidade dos produtos tem diminuído, enquanto a complexidade técnica de produção tem aumentado, e os mercados estão mais globalizados. A segunda é que quanto mais instável os mercados globais se tornam em termos de preço, maior é o número disponível de ofertas, e quanto mais os mercados são caracterizados pela variação superficial das mercadorias, maior é a dificuldade para os consumidores terem conhecimento e compararem esses preços. A terceira é que a crescente ênfase em design, promoção de marca e novas embalagens faz com que o cálculo racional se torne mais complexo. E, por fim, a quarta se deve à participação ativa dos consumidores nas fases finais de produção de *commodities*, o que pode influenciar nos custos de transação de formas imprevistas.

Essas tendências colocam o consumidor em uma situação desconfortável, sendo que o crescimento na variedade de mercadorias e serviços não só aumenta as opções de escolha para os indivíduos, mas também os deixa mais confusos – é mais difícil saber se a alternativa escolhida é a mais certa. Para evitar a realização de compras irracionais, os consumidores podem diminuir suas incertezas e facilitar o processo de tomada de decisão através das rotinas (ILMONEN, 2011). Mesmo sendo complexo o estudo do fenômeno, a existência de rotinas de consumo é real. Elas desempenham um papel considerável no processo de consumo.

### 2.3 Consumo sustentável

As principais considerações relativas ao consumo sustentável abordam a busca de meios que atendam as necessidades básicas da sociedade, que incluem alimentação, transporte, lazer, trabalho e moradia, com os princípios de sustentabilidade. Até o início dos anos 2000, as preocupações expressas através de políticas públicas focavam principalmente a redução dos impactos ambientais na fase de produção de bens de consumo, a disponibilidade de informações à população e a ênfase do conceito de ciclo de vida dos produtos (HONSKASALO, 2001). Porém, a partir dessa data, percebe-se que o destaque se conecta sobretudo ao aumento do consumo de materiais e, conseqüentemente, ao papel do consumidor como um dos protagonistas na alteração do atual paradigma (SEPPÄLÄ et al., 2011).

As necessidades básicas de alimentação, transporte e moradia estão diretamente relacionadas aos problemas ambientais atuais, representando aproximadamente metade do impacto ambiental de um país como a Finlândia (SEPPÄLÄ et al., 2011). Torna-se necessário considerar a liberdade de escolha dos cidadãos em atender a essas necessidades devido ao fato de as características de estilo de vida serem aspectos centrais da cultura de uma sociedade. De acordo com Honskasalo (2011), ao moldarmos a maneira como as pessoas atendem a suas necessidades básicas, nós moldamos a forma como elas vivem, ou deveriam viver.

Apesar de observarmos uma evolução no conceito de desenvolvimento sustentável, entendido como “o desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das futuras gerações de atenderem às suas próprias necessidades” (CCMAD, 1987), ainda se verifica uma considerável dificuldade de adaptação do cenário atual. No entanto, nos últimos 25 anos, é possível verificar avanços significativos em relação à sustentabilidade, principalmente no que diz respeito à diminuição do impacto ambiental no processo produtivo (NIINIMÄKI e HASSI, 2011). Os benefícios resultantes dessa evolução, contudo, não são suficientes, visto que a produção e o consumo de produtos aumentaram em mesmas proporções. Da mesma maneira, percebe-se uma diminuição no ciclo de vida dos produtos – queda de 50% entre 1992 e 2002 (VAITHEESWARAN, 2007 apud NIINIMÄKI e HASSI, 2011). Por exemplo, o aumento do volume de descarte no setor têxtil é resultado do avanço do consumo de vestuário, que registrou uma taxa de crescimento próxima a 30% entre os anos de 1995 e 2005, no Reino Unido.

O aumento de resíduos e sobras de materiais acarretou no desenvolvimento e consolidação de conceitos como a reutilização e a reciclagem, considerados, muitas vezes, como práticas eco-eficientes. Essas abordagens enfrentam críticas, pois não solucionam, de forma direta, os problemas relativos à sustentabilidade, tal como o aumento do consumo e dos níveis de descarte de lixo (NIINIMÄKI e HASSI, 2011). Uma das razões que fazem da reciclagem a solução mais popular é o fato de demandar apenas uma pequena mudança nos hábitos dos consumidores e nos padrões da indústria (FLETCHER, 2008). Ademais, abordagens como essa permitem aos consumidores a manutenção de suas práticas



não sustentáveis, enquadrando-se à rotina atual e não incentivando novos hábitos de consumo. De acordo com Fletcher (2008) a situação atual da sociedade “utiliza o pensamento do passado para lidar com as condições do amanhã”.

Os consumidores desempenham um papel muito maior do que unicamente realizar escolhas pré-selecionadas, podendo utilizar a sua influência para desestabilizar sistemas ou práticas dominantes, pressionar governos a apoiar novas alternativas e criar condições para experimentos locais, além de serem protagonistas em estágios de desenvolvimento ou de difusão de novas propostas (LOVIO et al., 2011 apud MICKWITZ et al., 2011). Por exemplo, mudanças em hábitos alimentares não irão, unicamente, resolver os problemas ambientais do atual cenário; entretanto, alterações de consumo podem contribuir para transformações em uma esfera social mais ampla, incluindo melhorias na saúde dos indivíduos de uma sociedade (MICKWITZ et al., 2011).

O desenvolvimento de uma nova linha de ação é necessária entre consumidores, iniciativa privada e as esferas públicas no sentido de encontrar maneiras mais sustentáveis de satisfazer as necessidades dos consumidores e atingir melhorias nas relações entre produção e consumo. A grande questão do desenvolvimento sustentável é a mudança, não somente do processo produtivo, mas também dos padrões de consumo (PERRELS, 2008). De acordo com Kemp (2008), uma alteração fundamental é necessária para atingirmos uma mudança sistêmica;

todavia, as transições enfrentam resistência e levam tempo para acontecer.

### 3 Procedimentos metodológicos

Para aprofundar a compreensão da relação entre práticas domésticas cotidianas e sustentabilidade, foi empregada uma pesquisa de natureza exploratória. O caráter indutivo da pesquisa aqui realizada sustenta-se na necessidade de se conhecer mais sobre essa realidade a partir da perspectiva do próprio indivíduo, e da forma como este produz significados em suas práticas, e não com base em estruturas teóricas previamente definidas. Coerentemente com essa abordagem, foi empregado o método qualitativo de pesquisa seguindo-se a tradição da pesquisa interpretativa dos estudos do consumo (ROCHA e ROCHA, 2007).

#### 3.1 Caracterização dos informantes

Este estudo foca-se em famílias da crescente classe média brasileira, localizadas na região metropolitana de Porto Alegre, especialmente jovens famílias, assumindo-se o pressuposto de que essas já cresceram em meio à discussão de sustentabilidade. A definição ocorreu por renda mensal familiar, utilizando o mesmo critério do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que considera classe média quem possui renda entre R\$ 1.200,00 a R\$ 5.174,00. Foram estudadas 16 famílias, distribuídas nas cidades de Porto Alegre, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Campo Bom e Sapiranga, conforme Tabela 1.

Tabela 1 – Caracterização dos informantes

Nome	Idade	Cidade	Estado Civil	Atividade	Renda Familiar
Carla I.	29	Campo Bom	Casada	Empregada doméstica	Entre R\$ 1.200 e R\$ 2.200
Jonas H.	25	Sapiranga	Casado	Trocador de óleo	Entre R\$ 1.200 e R\$ 2.200
Carolina T.	28	Campo Bom	Casada	Caixa de supermercado	Entre R\$ 2.201 e R\$ 3.200
Elisa S.	25	Campo Bom	Solteira	Auxiliar administrativa	Entre R\$ 2.201 e R\$ 3.200
Roberta V.	28	N. Hamburgo	Solteira	Secretária	Entre R\$ 2.201 e R\$ 3.200
Sara H.	24	N. Hamburgo	Solteira	Empregada doméstica	Entre R\$ 2.201 e R\$ 3.200
Ivan U.	21	Porto Alegre	Solteiro	Porteiro	Entre R\$ 3.201 e R\$ 4.200
Laura B.	26	Porto Alegre	Solteira	Aux. de enfermagem	Entre R\$ 3.201 e R\$ 4.200
Mariana Z.	26	Porto Alegre	Casada	Secretária	Entre R\$ 3.201 e R\$ 4.200
Tobias F.	22	Sapiranga	Casado	Eletricista	Entre R\$ 3.201 e R\$ 4.200
Andreia W.	24	São Leopoldo	Solteira	Secretária	Entre R\$ 4.201 e R\$ 5.174
Artur R.	30	Sapiranga	Casado	Gerente Geral	Entre R\$ 4.201 e R\$ 5.174
Cintia O.	30	N. Hamburgo	Solteira	Atendente de loja	Entre R\$ 4.201 e R\$ 5.174
Paulo A.	30	N. Hamburgo	Casado	Supervisor industrial	Entre R\$ 4.201 e R\$ 5.174
Renata D.	33	N. Hamburgo	Casada	Corretora de imóveis	Entre R\$ 4.201 e R\$ 5.174
Ricardo C.	33	N. Hamburgo	Casado	Zelador de condomínio	Entre R\$ 4.201 e R\$ 5.174

### 3.2 Procedimentos de coleta

Dado o comprometimento com a pluralidade de investigação, e considerando que a análise aborda questões como simbolismos e rotinas, esta pesquisa utiliza múltiplas formas de coleta de dados. *Entrevistas de profundidade* foram empregadas com o objetivo de possibilitar que os informantes falassem mais livremente sobre suas práticas cotidianas de consumo, de forma que se pudesse vislumbrar características das relações de sentido que ele atribui às práticas cotidianas. Já a *observação participante* possibilitou a oportunidade de unir o objeto ao seu contexto, contrapondo-se ao princípio de isolamento no qual se é formado e proporcionando uma visão ampla e detalhada da realidade do consumo cotidiano, resultante da interação entre o pesquisador e o meio. Por fim, os *relatórios de introspecção* foram empregados com o propósito de estimular que os entrevistados refletissem sobre o conceito de *The Inverted Pyramid of Sustainability* (DOBSCHA et al., 2012). O objetivo desse método foi construir um raciocínio, através do ponto de vista do entrevistado e de sua família, a respeito das formas com que práticas cotidianas são relacionadas com seus impactos ambientais. Essa metodologia destaca-se pela liberdade fornecida aos entrevistados no momento da introspecção familiar, pois o entrevistador não participa do processo.

### 3.3 Procedimentos de análise dos dados

Para analisar os dados foi utilizada a técnica de “análise de conteúdo”. Dessa forma, todas as entrevistas foram transcritas e seu conteúdo ordenado e integrado em um grupo de categorias. Durante esse processo, foi utilizado a indicação de Grawitz (1976): “deve-se prolongar o período de testes e estabelecer diversos sistemas de categorização ou codificação antes de adotar um esquema de categorias”. Portanto, posteriormente, os dados das categorias foram agrupados em grandes assuntos, seguidos por sua reagrupação em três principais grupos de elementos: (a) práticas domésticas cotidianas; (b) inibidores; e (c) motivadores. A determinação dessa classificação final originou/estruturou o início das análises deste estudo.

## 4 Resultados

A primeira categoria de resultados, a de práticas domésticas cotidianas, aborda uma

visão ampla sobre os métodos rotineiros desempenhados pelos indivíduos dentro de suas casas. Já a segunda classificação, a de inibidores, destaca os aspectos que impedem as pessoas a desenvolver hábitos com menor impacto e, por fim, a terceira identifica os fatores que podem motivar as pessoas a buscarem um estilo de vida mais sustentável.

### 4.1 Práticas domésticas

O objetivo dessa subseção é possibilitar uma visão geral sobre as práticas domésticas e cotidianas dos indivíduos, determinando o que é importante em cada uma das três temáticas analisadas: alimentação, higiene e beleza, e descarte de lixo.

#### 4.1.1 Alimentação

Um ponto central, durante o preparo e consumo, é a preocupação com a limpeza e procedência dos alimentos; a higiene é considerada essencial no ambiente de preparação. Percebe-se que essas preocupações com os métodos de preparo e manuseio dos produtos foram aprendidos dentro de casa, na juventude, através de um processo de tentativa e erro ou, então, desenvolvidos com o auxílio de um integrante da família. A procedência dos alimentos, principalmente os frescos, também é vista como algo vital no consumo, existindo um cuidado maior por parte das pessoas em saber onde o produto foi adquirido do que onde ele foi produzido. Isso demonstra uma confiança depositada no ponto de venda e que um “estabelecimento bom” é aquele que assume a responsabilidade em vender produtos de origem segura e comprovada. Ainda, verifica-se uma tendência na busca por produtos novos e frescos; contudo, eles não são facilmente encontrados pelos consumidores e são considerados mais caros, o que enfraquece a demanda no contexto analisado. As pessoas sabem que grande parte dos produtos que adquirem possui um alto teor de produtos químicos, porém não demonstram grande preocupação em consumi-los. Alguns indivíduos ainda preferem os alimentos industrializados, de marcas consagradas, pois confiam que o processo produtivo desses produtos é realizado em uma atmosfera esterilizada, com funcionários que utilizam equipamentos apropriados, como luvas e toucas, em um ambiente higienizado.

Em relação às práticas de alimentação abordadas nessa pesquisa, não foi possível verificar relações significativas entre elas e a sustentabilidade, a não ser a percepção frequente de que o consumo e a preparação de alimentos possuem baixo impacto ambiental. Tornou-se claro que as pessoas não possuem o entendimento de toda a cadeia quando se trata dos alimentos que consomem, pois só identificam impacto no momento em que descartam as sobras. Isso pode ser percebido no discurso de Sara H.: “Eu acho que o que menos polui é a alimentação... se decompõe rápido e não estraga o solo. A comida não polui depois que é jogada fora”. Parece não existir entendimento de que a agricultura é uma das atividades que mais consome os recursos hídricos do planeta e uma das que mais polui. As práticas de alimentação são percebidas como técnicas naturais e que possuem baixo impacto ambiental, conforme Diego S.: “Entre as práticas que estamos falando, a que menos impacta o meio ambiente é a alimentação. É tudo lixo orgânico o que sobra e pode ser usado como adubo”.

#### 4.1.2 *Limpeza e higiene*

As práticas cotidianas de limpeza, higiene e beleza abordam as rotinas de higiene do corpo, tais como banho e limpeza bucal, além das rotinas de lavagem de roupas e da limpeza da casa. Através da observação dessas técnicas, é possível identificar qual é o grau de importância que as pessoas transmitem ao asseio em seu cotidiano e quais são as relações existentes entre essas práticas.

Entre as práticas analisadas, o ato de tomar banho é o que mais ultrapassa o sentido de higiene pessoal. Para muitos, esse é o principal momento de relaxamento diário, quando os indivíduos refletem sobre seus problemas. O banho também é visto como uma recompensa ou gratificação por um longo dia de trabalho, o que demonstra um sentido de merecimento.

A principal relação que as pessoas realizam entre suas práticas de higiene pessoal e a sustentabilidade é relativa à quantidade de água utilizada durante esses processos. Verifica-se que existe o entendimento de que se pode reduzir os impactos através de uma mudança de hábitos; contudo, não observa-se nenhuma motivação que faça com que as pessoas mudem seu comportamento. Por exemplo, o banho: as pessoas sabem a quantidade de água que

utilizam durante seus banhos, geralmente quantificada em minutos, mas não a reduzem em prol da diminuição do desperdício de água. Essa questão pode ser observada na fala de Carolina T.: “Eu levo geralmente de dez a quinze minutos no banho. Sei que gasta bastante água, mas eu não me importo, esse momento eu não abro mão”.

Algumas pessoas se mostram mais preocupadas com a redução dos impactos durante as práticas, mas encaram esse processo como algo que dificulta suas vidas. Tobias F. diz: “Procuro me ensaboar com a torneira desligada, procuro mesmo. No verão até vai, mas no inverno, não tem jeito. Não tem como passar frio pra gastar menos água”. Outra questão está presente no discurso de Laura B.: “Quando vou lavar minhas mãos fora de casa, por exemplo. Eu sei que se deve usar duas folhas de papel pra secar, mas vamos combinar que não seca. Preciso de umas quatro pra secar bem e não sair com a mão molhada, fazer o quê?”.

Em relação à lavagem de roupas, os atributos que as pessoas relacionam à uma roupa bem limpa são, basicamente, os seguintes: cheiro, maciez e brancura. Para atingir esses aspectos nas peças lavadas, são utilizados produtos químicos como sabão em pó, alvejante e amaciante que prometem devolver a aparência inicial daquela peça. Portanto, os produtos de limpeza de roupa são compreendidos como recursos fundamentais para a realização dos processos de lavagem, sendo os resultados dessas práticas visivelmente vinculados a eles.

O cheiro e a maciez são aspectos que elucidam conforto e aconchego para as pessoas. A brancura das roupas também é algo muito presente nos discursos. Existe a percepção que não importa o quão limpa uma roupa esteja, se houver alguma mancha ou parte amarelada, isso é um indicativo de não conformidade. O branco é sinal de novo e isso, inclusive, pode ser considerado no aspecto social. Uma roupa amarelada transmite que a pessoa não é cuidadosa com sua aparência ou, então, que está passando por algum tipo de dificuldade.

Nas práticas de lavagem de roupas, a sustentabilidade aparece em dois momentos: (a) reaproveitamento da água e (b) diminuição dos gastos com energia elétrica. A primeira relação, a da reutilização da água da lavagem, ocorre quando as pessoas identificam uma possibilidade em aproveitar a sobra para

limpeza; o mais comum é a utilização dessa água na lavagem de calçadas e pisos. Ivan U. diz: “minha mulher aproveita a água da máquina para lavar a área e a calçada lá de casa. Dá pra aproveitar. A água é limpinha e já economiza na conta também”.

Já a relação com a diminuição dos gastos em energia elétrica ocorre no momento da compra de novas máquinas de lavar ou de secar roupas. Os indivíduos estão desenvolvendo o hábito em verificar uma etiqueta emitida pelo Inmetro que informa a classificação dos eletrodomésticos quanto ao seu consumo de energia. Ainda que o principal motivador seja a redução de custos, essa iniciativa diminui os impactos ambientais gerados por essa atividade.

As pessoas demonstram utilizar diferentes produtos para diferentes propósitos; existe um tipo de produto de limpeza para cada situação dentro de casa. Por meio das entrevistas e observação participante, percebe-se que dois cômodos da casa recebem mais atenção durante as práticas de limpeza: banheiro e cozinha. No primeiro, a maior preocupação é no combate aos germes e à conservação do cheiro agradável. O uso de desinfetante é recorrente. Já na cozinha, as inquietações circundam a limpeza da geladeira e de superfícies, como pia e fogão. Desengordurantes e álcool são os produtos mais utilizados.

Não existe uma preocupação com o descarte dos produtos químicos após sua utilização. A maior parte da água e dos produtos de limpeza utilizados durante as práticas são derramados nos tanques, diretamente no esgoto. Poucos demonstram fazer relação direta entre os produtos químicos e o seus impactos no meio ambiente. Aqueles que manifestam conhecimento, não mudam seu comportamento. É o caso de Ivan U.: “Eu sei que os produtos de limpeza tem muita química, mas vou fazer o que? A casa tem que estar limpa e não tem outra maneira de fazer isso sem os produtos!”. Da mesma forma, as pessoas não confiam em produtos de limpeza com ingredientes naturais ou em soluções com menor impacto ambiental. Sara H. afirma: “Eu até poderia usar álcool dentro de casa pra desinfetar, mas não sei, me parece amador. Sem dúvida um Pinho Sol é bem mais poderoso pra matar os bichos. É química, né?”.

Um caso específico de preocupação aparente com a sustentabilidade ocorre na prática de

lavagem das louças. As pessoas demonstram ter conhecimento da existência de detergentes biodegradáveis, entretanto, o uso ainda é limitado. Nesse caso, uma marca específica é recursiva: Ypê. Carolina T. diz: “Pra lavar a louça eu procuro usar Ypê que é menos agressivo e tal, mas não é sempre que eu compro esse”. Já Roberta V. afirma: “Eu sei que o Ypê é biodegradável. Às vezes a gente usa lá em casa, mas parece que ele não limpa tão bem quanto o Limpol. Tem que usar mais água quente daí pra tirar bem a gordura”. Verifica-se aqui a percepção de que o produto biodegradável não possui a mesma qualidade percebida do que os regulares.

#### **4.1.3 Descarte de lixo**

A prática de descarte do lixo pode ser considerada a mais polêmica quando comparada às outras práticas analisadas neste estudo. As pessoas parecem estar preparadas para responder as perguntas e se mostram apreensivas ou desconfortáveis quando são questionadas sobre a forma com que procedem durante esses momentos. A separação do lixo é um dos primeiros temas que os indivíduos abordam quando são interrogados; entretanto, não se constata um consenso entre eles. Por mais que as pessoas demonstrem saber do que se trata, a separação do lixo ainda é encarada com dúvida e distanciamento.

A principal alegação constatada é o fato das pessoas tentarem separar o lixo, mas não conseguirem devido a um conjunto de fatores como tempo, falta de coleta seletiva em seu bairro ou falta de informação, entre outros. Verifica-se essa visão no discurso de Paulo A.: “A gente tenta separar o lixo. Tenta. Temos um lixo orgânico e um lixo que mistura garrafa, papel, tudo que é seco”. Na mesma linha, Ivan U. comenta: “Já tentamos separar, mas é complicado. Não se sabe se lava primeiro ou se coloca direto. Separamos mais resto de comida, fruta, essas coisas e colocamos num saquinho separado, mas não sei se o caminhão pega isso separado”. Existe a percepção de que, para funcionar, a separação do lixo deva ser um acordo familiar, um compromisso assumido por toda a família.

Por meio de observação, percebe-se que o descarte de resíduos líquidos provenientes da preparação de alimentos, como o óleo vegetal, é feito por meio de armazenamento das sobras



em recipientes a serem levados a um destino específico. Da mesma forma, as pessoas demonstram preocupação com o descarte de pilhas e baterias, afirmando que encaminham esses itens a pontos de coleta específicos. Percebe-se um cuidado especial quanto ao descarte de vidros quebrados. A separação do material ocorre devido à preocupação com a pessoa que fará o manuseio do lixo. Esse é mais um caso da realização de práticas sustentáveis de forma indireta; o objetivo principal da separação é o cuidado com a integridade física de um terceiro.

Os entrevistados demonstram preferência em utilizar sacolas de supermercado a sacos de lixo. Jonas H. descreve: “uso sacolinha porque não pago nada. E além disso eu aproveito, né?”. Já Sara H afirma: “Sempre usei saco de lixo, mas agora eu prefiro sacolinhas de supermercado, posso reaproveitar. E o sacos de lixo estão cada vez mais caros. Uso quando tenho uma festa ou algo que sei que terá bastante lixo. Senão, é sacolinha”. As sacolinhas parecem ser mais ecológicas, na visão dos entrevistados, conforme Carolina T.: “Isso é um debate grande, né? Ninguém sabe direito o que é pior. Eu uso a sacola de supermercado porque eu reaproveito, sai mais barato também”. Percebe-se que o fator diminuição de custo é um grande influenciador nessa decisão.

Sobre o destino do lixo, as pessoas não possuem uma ideia clara do caminho que seus resíduos fazem depois de saírem de casa. Percebe-se que a preocupação com as sobras se estende somente até o momento em que elas são descartadas. Esse fato é verificado no discurso de Paulo A.: “Nunca pensei sobre isso, na verdade. Acho que os lixeiros pegam o saco, colocam no caminhão e levam pra um aterro ou algo assim. Daí já não é mais comigo”. Quando questionadas sobre o destino de seus lixos, as pessoas demonstram desconforto; elas não sabem o que responder.

No contexto, verifica-se a percepção de que o descarte de lixo é a prática cotidiana que mais impacta o meio ambiente. O lixo é visto como algo sujo, que deve permanecer escondido dentro de casa e descartado no momento mais breve possível. As pessoas não querem lidar com as sobras que produzem e não querem discutir sobre o assunto. Percebe-se nervosismo e ansiedade nos entrevistados quando são questionados a respeito de separação do lixo. As

pessoas demonstram ter conhecimento sobre as melhores práticas de descarte, entretanto, não as aplicam em seu cotidiano. Contudo, verifica-se que algumas práticas sustentáveis já foram adotadas como rotina pelas pessoas. Dentre elas, está o caso do descarte correto do óleo vegetal e das pilhas e baterias. Essas práticas são vistas como algo do cotidiano, consideradas óbvias para alguns dos entrevistados. O encaminhamento desses produtos para pontos de coleta específicos é uma técnica aceita pelas pessoas e aparentemente já foi acoplada ao seus estilos de vida.

## 4.2 Inibidores

A análise dos dados possibilitou compreender quais são alguns dos possíveis inibidores de práticas sustentáveis dentro de casa, destacando aqueles aspectos que impedem as pessoas em desenvolver hábitos com menor impacto em seu dia-a-dia. As barreiras que dificultam as práticas sustentáveis no cotidiano estão relacionadas a: (a) falta de informação; (b) falta de educação; (c) falta de tempo; (d) falta de dinheiro; (d) autoestima; (e) rotina; (f) preconceito; (g) restrição; (h) conveniência e (i) cultura individualista. Essas dificuldades expressam as justificativas que os indivíduos utilizam, consciente ou inconscientemente, para manter o *status quo* de suas rotinas.

O primeiro inibidor destacado é a *falta de informação* sobre os impactos ambientais na vida cotidiana, expresso pela falta de fontes de dados em larga escala sobre o tema. As fontes disponíveis são escassas e complexas, o que acarreta no fato das pessoas não saberem no e em quem acreditar quando o assunto é sustentabilidade. Percebe-se que o termo é conhecido; entretanto, poucos possuem domínio básico do seu conceito. A maior fonte de informação ainda são os anúncios de empresas que possuem produtos, serviços ou processos sustentáveis, que anunciam esse atributo como vantagem competitiva. Além disso, as pessoas não possuem compreensão do impacto da cadeia de produtos no ambiente, sendo evidente que somente há percepção de responsabilidade do impacto entre o momento da compra e o do descarte; o ciclo total de vida dos produtos, que inclui os períodos anteriores e posteriores ao consumo, dificilmente é considerado.

Diferente da falta de informação, a *falta de educação* considera que a geração atual não foi

educada sobre seus impactos ambientais. Não existe um senso cívico nos indivíduos e uma parte considerável das pessoas nem sequer faz relação direta entre suas práticas cotidianas e o meio ambiente. Ademais, não percebe-se uma preocupação familiar sobre o assunto; muitas vezes, as crianças possuem mais conhecimento e motivação do que seus pais e avós.

Uma das alegações mais fortes das pessoas para não desenvolverem práticas mais sustentáveis é a *insuficiência de tempo*. Essa defesa é comum e se baseia no discurso de que falta tempo no dia-a-dia para ser mais sustentável (separar o lixo, enviar os resíduos para locais específicos, ensinar os filhos etc.) e refletir sobre os impactos ambientais de cada um. Isso pode ser percebido no discurso de Sara H: “Sinceramente, eu não faço por falta de tempo... a gente tem tanta coisa pra fazer que... eu nem me lembro de separar o lixo. Eu coloco na lixeira e deu, parto pra próxima tarefa”.

Outra alegação comum, que inibe o desenvolvimento de um estilo de vida mais sustentável é a *falta de recursos financeiros*. As pessoas possuem a percepção de que produtos e serviços “verdes” são mais caros dos que os tradicionais, não adquirindo esses bens por possuírem um orçamento específico para o mês. Renata D. afirma: “Cada produto tem um espaço reservado no orçamento, a escolha é feita pelo custo-benefício da minha família, na realidade atual que estamos”.

O inibidor de *autoestima* está presente, principalmente, em pessoas que pertencem às classes sociais menos favorecidas, no sentido de que a não preocupação com o desperdício é considerada uma conquista. As pessoas pertencentes a essa realidade entendem que o não reaproveitamento de sobras remete a um sentimento de vitória e de realização financeira. Esse é o caso de Carla I.: “Há um tempo atrás, quando precisávamos, meu marido juntava as latas e os papéis e vendia. Agora, que estamos melhor, não precisamos mais”. Isso indica que, para essas pessoas, algumas práticas sustentáveis são consideradas como algo do passado, relacionadas a um tempo em que a família precisava da fonte de renda extra que a venda do lixo poderia trazer. Nesse caso, não se percebe um vínculo com o meio ambiente, mas sim uma relação direta com o *status* social dos indivíduos.

A *rotina*, sem dúvida, é uma grande barreira para a mudança de comportamento. As pessoas possuem dificuldade em mudar seus hábitos cotidianos. Isso pode ser observado ao longo das entrevistas, pois as pessoas possuem conhecimentos das melhores práticas, contudo não as aplicam por comodidade e manutenção do *status quo*. Em muitos casos, os indivíduos simplesmente preferem continuar fazendo o que os mantém em suas zonas de conforto, transmitindo a responsabilidade em ser sustentável para as próximas gerações. Isso pode ser observado no discurso de Artur R.: “...a obrigação em mudar a realidade atual está com a nova geração, que está moldando sua rotina desde o início da vida”.

Também existe um inibidor relacionado ao *preconceito* que as pessoas possuem acerca da sustentabilidade. Percebe-se a impressão de que as práticas com menor impacto ambiental, junto a seus produtos equivalentes, não são tão boas quanto às utilizadas atualmente. É evidente a percepção de que os produtos sustentáveis possuem menor qualidade dos que os comuns, além de durarem menos. Ivan U. diz: “Não uso produtos reciclados porque penso que lixo é lixo. As coisas pra mim devem ser novas, não quero que ninguém use antes de mim”.

Uma forte relação com as perdas em qualidade de vida caracteriza o inibidor relativo à *restrição*. As pessoas entendem que uma vida mais preocupada com os impactos ambientais é uma vida mais limitada. Esse vínculo está fortemente relacionado às perdas que os indivíduos terão que enfrentar, caso optem por práticas mais sustentáveis. Esse é o caso de Carla I.: “Se eu tiver que me preocupar com isso tudo, eu não vivo mais, não faço mais nada... o que adianta?”. São poucos os casos em que os indivíduos percebem que teriam ganhos em optar por uma vida com menos impactos.

Outro fator percebido se relaciona com a *conveniência* em manter as práticas atuais, considerando o contexto em que as pessoas estão inseridas. As práticas sustentáveis são menos convenientes do que as não sustentáveis (separação do lixo, encaminhamento de resíduos líquidos etc.) devido a dois fatores: o primeiro, conforme já abordado anteriormente, se caracteriza pela dificuldade na mudança de hábitos, enquanto o segundo se destaca pelo fato dos recursos utilizados no dia-a-dia não se adequarem à uma nova realidade de menor

impacto. Isso está presente na fala de Sara H.: “Quando eu usava o tanquinho, era possível reaproveitar a água para lavar a calçada. Agora fica mais difícil, pois a água da máquina vai direto para o esgoto”. Verifica-se que os recursos utilizados nas residências não são compatíveis com uma realidade de práticas sustentáveis e que, devido a isso, as pessoas tendem a considerar essas novas abordagens como mais complexas.

Por fim, o último inibidor percebido através da pesquisa de campo aborda a *cultura individualista* presente entre os entrevistados. Não existe uma relação direta entre o senso coletivo e o meio ambiente, demonstrando que as pessoas não vinculam a preservação de recursos e diminuição dos impactos com os outros indivíduos. Muitas vezes, as práticas não são realizadas, pois as pessoas acreditam que suas ações são isoladas e não impactam o todo. Conforme Paulo A.: “O que adianta só eu fazer? E acho que todos pensam como eu nesse sentido!”.

### 4.3 Motivações

As pessoas somente mudam seus hábitos se encontrarem motivações que as convençam que os resultados dessas mudanças serão melhores dos que aqueles obtidos através das práticas atuais. Por meio da análise das práticas domésticas, se tornou possível identificar fatores que podem motivar as pessoas, direta ou indiretamente a buscarem um estilo de vida mais sustentável e que estimulam a autorreflexão dos indivíduos nesse sentido. Destacam-se as motivações relacionadas a: (a) saúde; (b) custo; (c) filantropia; (d) fonte de receita; (e) futuro; e (f) controle.

A *saúde* é vista como algo intrínseco à sustentabilidade, algo que é garantido aos indivíduos que possuem uma preocupação maior com o meio ambiente. As relações entre a saúde do corpo e o consumo de produtos com menos produtos químicos são fortes, demonstrando que os bens adquiridos com certificado de origem e cultivo são vinculados de forma direta. Outro vínculo ocorre através do próprio meio em que os indivíduos estão inseridos. Por exemplo, a preocupação com o ar e a água consumida. As pessoas acreditam que um ambiente limpo é um ambiente mais saudável. Isso está presente no discurso de Artur R.: “Ambiente mais limpo, água e ar, principalmente, é garantia de uma

melhor qualidade de vida para mim e para minha família”.

Um outro motivador encontrado se vincula à *redução do custo* que uma vida mais sustentável pode trazer às pessoas. Percebe-se que existe uma forte relação com a contenção do desperdício de água, luz e comida com a redução de custos dentro de casa. Essa percepção é encontrada no discurso de Elisa S.: “Tudo aquilo que é reaproveitado sai mais barato”. Essa motivação é indireta, pois a preocupação maior dos indivíduos é com o corte de gastos mensal e não necessariamente a diminuição de seus impactos ambientais. Da mesma forma, existem aquelas práticas sustentáveis vinculadas ao aumento de renda familiar. Alguns indivíduos consideram o lixo como algo que possui valor de mercado e o encaminham para cooperativas especializadas (caso do vidro, papel e alumínio). Algumas famílias ainda transformam o lixo, convertendo sucata em artesanato e vendendo esses produtos em feiras locais ou, simplesmente, estimulando o trabalho manual das crianças. Além disso, outra prática verificada para obtenção de receita é a venda de roupas em brechós ou lojas de usados.

Mesmo que os indivíduos vendam o que não utilizam mais, uma boa parte desses produtos é destinada à *filantropia*. As pessoas entendem a doação como uma forma de reaproveitar o que não é mais utilizado, acarretando, de forma inconsciente, na geração de autorrealização. Verifica-se que a motivação é mais forte no sentido individual do que no próprio bem gerado à pessoa que está recebendo a doação. Na prática, estabelece-se uma relação de poder, quando quem está recebendo adquire uma dívida moral com quem doando.

Outra motivação foi visualizada através da *preocupação com o futuro*, principalmente no sentido de deixar um ambiente equilibrado para as próximas gerações. As pessoas demonstram relacionar algumas de suas práticas com o amanhã, entendendo que seu comportamento atual influencia na vida futura de seus filhos e netos.

Já naquelas pessoas que possuem um comportamento sustentável e que aplicam esses valores em suas práticas cotidianas, percebe-se que existe um sentimento de orgulho devido a sua mudança de estilo de vida. Elas se orgulham em conseguir controlar seus hábitos, pois atingiram um nível de maturidade que as possibilita o poder da escolha e de controle das

situações. Esses indivíduos acreditam que seus atos podem mudar o mundo e demonstram ser mais sensíveis em relação aos seus impactos ambientais. O motivador em questão está ligado ao *controle*, algo que essas pessoas enaltecem ter conquistado.

A identificação dessas motivações é válida para compreender onde há espaço para mudar o comportamento das famílias em relação às suas práticas cotidianas. A partir do momento em que se compreende o que move os indivíduos a serem mais sustentáveis, se torna possível a criação de estratégias adequadas para atingir as pessoas de forma eficiente, tendo em vista a dificuldade de mudar hábitos enraizados na cultura da sociedade.

## 5 Discussão

Verifica-se nesta pesquisa que muitos indivíduos possuem conhecimento das melhores práticas em termos de sustentabilidade; eles sabem o que fazer para diminuir seus impactos no meio ambiente. Contudo, percebe-se uma dificuldade no efetivo emprego desses processos dentro de casa, justificada através de uma série de causas. Pode-se relacionar esse fato com uma proposição de Campbell (1996) de acordo com a qual os indivíduos nem sempre têm sucesso em suas tentativas de implementar as suas decisões. Segundo o autor, as falhas acontecem devido às oposições de outras pessoas ou obstáculos, mas também pelo fato de eles simplesmente não conseguirem implementar suas vontades e, então, agir. Esses obstáculos, muitas vezes, seguem princípios que não são conhecidos pelo indivíduo, nem pela sociedade, aquilo que Ilmonen (2001) chama de *comportamento*. As mudanças nas práticas dessa natureza são complexas, pois o indivíduo não sabe nem por onde começar, sendo essa uma das possíveis justificativas para o não desenvolvimento de uma vida mais sustentável. Entretanto, em alguns casos, essas barreiras são visíveis. Por exemplo, o fracasso na implementação de uma nova decisão pode estar na falta de aceitação da mudança por outros integrantes que vivem na mesma casa. Através dos resultados, verificou-se que para existir motivação na separação do lixo é necessário um comprometimento de todos os membros da família. Assim, basta um indivíduo não aceitar a nova prática para comprometê-la.

Ilmonen (2011) auxilia a entender a dificuldade em nos livrarmos de uma rotina através do esclarecimento de uma de suas funções na sociedade: a de reduzir a complexidade e energia gasta no processo de decisão. Torna-se mais fácil para os indivíduos manter um determinado comportamento; isso garante que os resultados obtidos serão os mesmos. A manutenção de uma prática é vista como uma segurança, algo que não requer reflexão. Isso pode ser observado, por exemplo, na seleção dos alimentos considerados como básicos pelas pessoas (escolha dos alimentos “de sempre”, sem que haja um questionamento sobre a cadeia de valor dos produtos, os recursos nela consumidos e seus impactos no meio-ambiente), ou ainda na prática de lavagem de roupas (quando há a percepção de que os indivíduos que vestem roupas encardidas, amareladas e amarrotadas não são dignos da confiança da sociedade, vinculada a um julgamento de que, possivelmente, esses indivíduos estão enfrentando algum tipo de dificuldade – financeira ou conjugal, por exemplo ou, então, por simplesmente serem relaxados, sujos). Um indivíduo que veste uma roupa limpa, branca e bem passada transmite confiança e comunica a seus pares que tudo está sob controle.

Algo semelhante ocorre no descarte do lixo doméstico – algo que denota repugnância, que não deve ser manuseado e que deve ser levado para a rua o mais rápido possível. As pessoas se sentem desconfortáveis ao falar de seu lixo; elas não querem debater se seu comportamento está certo ou errado. Percebe-se que os indivíduos simplesmente querem que o lixo seja encaminhado para fora de suas casas, não se importando com a forma com que isso é realizado. O lixo orgânico ainda é o que gera mais aversão, pois é composto por produtos altamente perecíveis que exalam odor. Conforme verificado neste estudo, o cheiro é percebido como atributo fundamental de limpeza doméstica. Logo, o lixo pode ser considerado uma ameaça a esse sentimento de bem-estar, algo que progressivamente contamina o ambiente.

No entanto, para finalizar esta seção, destaca-se que já é possível perceber que algumas práticas sustentáveis já fazem parte da rotina das pessoas; práticas que foram incorporadas ao cotidiano e que fazem sentido para as famílias. Os casos mais evidentes desse comportamento são o encaminhamento dos resíduos líquidos de cozinha, principalmente óleo, juntamente com o



descarte apropriado de pilhas e baterias usadas. Ao serem questionados sobre os motivos que os evam a desempenhar tais ações, os entrevistados apresentam diversas fontes que defendem a importância da prática, tais como campanhas do governo, orientação nas escolas, publicidade em estabelecimentos comerciais, entre outras.

Esse caso pode ser visto como um exemplo da teoria de Giddens (2008), que afirma o fato da sustentabilidade não poder ser atingida de forma imediata, mesmo se todos os atores envolvidos trabalhassem juntos. O autor defende que uma das maneiras mais eficazes de atingir os objetivos sustentáveis é o planejamento e que, nessa ocasião, é necessária a participação do governo na determinação de regulamentações e na criação de leis que monitorem os efeitos do consumo, além da participação da iniciativa privada em agir e desenvolver soluções inovadoras que encontrem os critérios de sustentabilidade. Nesse sentido, uma ação de planejamento, desempenhada em um período longo de tempo, com o apoio de diversos atores, pode garantir uma mudança de comportamento, sendo que tal planejamento pode se beneficiar por meio da consideração dos significados simbólicos que, de alguma forma, moldam a maneira com que os indivíduos se comportam em suas práticas mais corriqueiras.

## 6 Considerações finais

O conteúdo deste estudo aborda o fato de as necessidades de alimentação, limpeza e higiene, e descarte de lixo estarem diretamente relacionadas aos problemas ambientais atuais e a questão do sistema de consumo contemporâneo ainda não ser sustentável. Torna-se evidente que a forma como tais práticas são empregadas pelos indivíduos representa significativas oportunidades de mudança em prol de uma maior disseminação da sustentabilidade no cotidiano doméstico.

Tal conteúdo evidencia que muito há ainda que se evoluir em relação à sustentabilidade. Percebe-se que as pessoas ainda acreditam que suas ações não têm impacto ambiental direto no meio ambiente; elas não possuem conhecimento suficiente sobre sustentabilidade para identificar como podem diminuir seus impactos em suas práticas cotidianas. Quando há informação, esta se refere a questões de dimensão mais macro, longe do dia-a-dia das pessoas. Muitas vezes,

nota-se que os indivíduos nem sequer refletem sobre o tema, além de apresentarem a percepção de que o consumo sustentável está relacionado com perdas de bem-estar e não com possíveis ganhos coletivos em qualidade de vida.

Pode ser observado que os inibidores de práticas com menor impacto ambiental (falta de informação, falta de educação, falta de tempo, falta de dinheiro, autoestima, rotina, preconceito, restrição, conveniência e cultura individualista) estão presentes em maior intensidade e força do que os motivadores dessas práticas (saúde, custo, filantropia, fonte de receita, futuro e controle) e que essas percepções estão fortemente vinculadas a aspectos de origem social, cultural e tecnológica. As pessoas praticam determinadas atividades sustentáveis visando, principalmente, o benefício próprio. Ainda que inconscientemente, elas buscam autorrealização, conveniência, status moral e, inclusive, diminuição do seu custo de vida. Constata-se que as motivações encontradas nos indivíduos não são diretamente relacionadas à sustentabilidade; elas ocorrem por ordem indireta.

Acredita-se que essas questões relativas às práticas domésticas e seus impactos ambientais podem e devem ser ampliadas quanto à sua abrangência e profundidade. Espera-se que este estudo tenha dado sua contribuição no sentido de elucidar tanto questões pragmáticas quanto, em especial, os aspectos simbólicos e culturais que moldam e sustentam esses comportamentos e, assim, motivar o desenvolvimento de outros estudos de mesma natureza, tais como a descrição e análise da rotina de outras conjunturas, bem como as possíveis aplicações do conjunto de resultados no desenvolvimento de novas soluções de produtos e serviços com menor impacto ambiental nas organizações.

## Referências

- CAMIC, C. The Matter of Habit. *The American Journal of Sociology*, v. 91, n. 5, p. 1039-1087, Mar. 1986.
- CAMPBELL, C. Detraditionalization, character and the limits of agency. In: HEELAS, P.; LASH, S.; MORRIS, P. *Detraditionalization*. Critical reflections on authority and identity. Oxford: Blackwell, 1996.
- CCMAD. *Nosso futuro comum*. Nova York: ONU, 1987.
- DOBSCHA, S.; PROTHERO, A.; MCDONAGH, P. (Re) thinking distribution strategy: principles from sustainability. In: PENALOZA, L.; TOULOUSE, N.; VISCONTI, L. (Eds.). *Marketing management: a cultural perspective*. Ed. Routledge. 2012. p. 461-473.

- DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.
- FLETCHER, K. *Sustainable fashion and textiles: design journeys*. Londres: Earthscan, 2008.
- GIDDENS, A. The politics of climate change. *Polity Network*, Cambridge, Sept. 2008.
- GRONOW, J.; WARDE, A. *Ordinary consumption*. Londres: Routledge, 2001.
- HONKASALO, A. Perspectives on Finland's sustainable consumption and production policy. *Journal of Cleaner Production*, Elsevier, v. 19, n. 16, p. 1901-1905, Nov. 2011.
- HUME, D. *Investigação acerca do entendimento humano*. São Paulo: Nacional, 1972.
- ILMONEN, K. Sociology, consumption and routine. In: GRONOW, J.; WARDE A. *Ordinary consumption*. Londres: Routledge, 2001.
- KEMP, R. Evolutionary approaches for sustainable innovation policies: From niche to paradigm. *Research Policy*, Elsevier, v. 38, n. 4, p. 668-680, May 2009.
- LEVY, S. J. Symbols for sale. *Harvard Business Review*, v. 37, p. 117-124, July/Aug. 1959.
- MCCRACKEN, G. D. *Cultura & consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.
- MICKWITZ, P.; HILDÉN, M.; SEPPÄLÄ, J.; MELANEN, M. Sustainability through system transformation: lessons from Finnish efforts. *Journal of Cleaner Production*, Elsevier, v. 19, n. 16, p. 1779-1787, Nov. 2011.
- NIINIMÄKI, K.; HASSI, L. Emerging design strategies in sustainable production and consumption of textiles and clothing. *Journal of Cleaner Production*, Elsevier, v. 19, n. 16, p. 1876-1883, Nov. 2011.
- PERRELS, A. Wavering between radical and realistic sustainable consumption policies: in search for the best feasible trajectories. *Journal of Cleaner Production*, v. 16, n. 11, p. 1203-1217, July 2008.
- ROCHA, E. P. G. *A sociedade do sonho: comunicação, cultura e consumo*. 4. ed. Rio de Janeiro: MAUAD, 1995.
- ROCHA, E.; BLAJBERG, C.; OUCHI, C.; BALLVÉ, F.; SOARES, J.; BELLIA, L.; LEITE, M. Cultura e consumo: um roteiro de estudos e pesquisas. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 23., Foz do Iguaçu. *Anais*. Foz do Iguaçu: Enanpad, 1999.
- SEPPÄLÄ, J.; MÄENPÄÄ, I.; KOSKELA, S.; MATTILA, T.; NISSINEN, Ari; KATAJAJUURI, J.-M.; HÄRMÄ, T.; KORHONEN, M.-R.; SAARINEN, M.; VIRTANEN, Y. An assessment of greenhouse gas emissions and material flows caused by the Finnish economy using the ENVIMAT model. *Journal of Cleaner Production*, Elsevier, v. 19, n. 16, p. 1833-1841, Nov. 2011.
- SMITH, A.; VOB, J.-P.; GRIN, J. Innovation studies and sustainability transitions: the allure of the multi-level perspective and its challenges. *Research Policy*, Elsevier, v. 39, p. 435-448, 2010.
- WALLENDORF, M.; ARNOULD, E. J. "We Gather Together": Consumption Rituals of Thanksgiving Day. *Journal of Consumer Research*, v. 18, p. 13-31, June 1991.

Recebido: 14/05/2014

Aceito: 18/11/2014

**Autor correspondente:**

Renan Strassburger Kuwer  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS  
Rua Heller, 555, apto. 601 – Centro  
CEP 93510-330 Novo Hamburgo, RS, Brasil  
Fone: (+55-51) 8159-6968  
E-mail: <[renan.strassburger@gmail.com](mailto:renan.strassburger@gmail.com)>